

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): EPIDEMIOLOGIA, SINTOMAS E AVANÇOS RECENTES NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO**

**Sedecias de Almeida Franco Neto<sup>1</sup>**  
**Gabriela Teixeira Veloso<sup>2</sup>**  
**Hortência Coelho Nepomuceno<sup>2</sup>**  
**Laíza Machado Leite Pimentel<sup>3</sup>**  
**Maria Julia Cunha de Sa Gonçalves<sup>3</sup>**  
**Vitor de Souza Soares<sup>4</sup>**

[vitorsoares.med@gmail.com](mailto:vitorsoares.med@gmail.com)

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências da Saúde.

### **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo analisar as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando seus sintomas principais e sua impactante prevalência tanto em crianças quanto em adultos. Trata-se de uma revisão descritiva, em que foram selecionados 08 artigos científicos, publicados nos últimos dez anos, nos idiomas português e inglês. Para as buscas, acessou as bases de pesquisa SciELO e Google Acadêmico e utilizou-se os descritores “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, “epidemiologia”, “manifestações clínicas”, “diagnóstico” e “tratamento”, combinados pelo operador booleano “and”. O autismo é um transtorno do desenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação, interação social limitada e comportamentos repetitivos. Estudos apontam uma origem complexa envolvendo fatores genéticos, ambientais e biológicos, como alterações na microbiota intestinal e marcadores inflamatórios. O diagnóstico ainda depende principalmente da observação clínica de comportamentos, devido à falta de marcadores biológicos específicos. Os sintomas variam amplamente e incluem dificuldades de atenção, rigidez comportamental e sensibilidade sensorial. A crescente prevalência do TEA sublinha a importância de estratégias para diagnóstico precoce e melhoria da qualidade de vida. A sensibilização pública, promovida pelo Dia Mundial de Conscientização do Autismo, é essencial para fomentar inclusão e suporte adequado. Assim, a pesquisa contínua e colaboração interdisciplinar são fundamentais para avançar no entendimento e tratamento deste transtorno complexo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); epidemiologia; manifestações clínicas; diagnóstico; tratamento.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 10º período do Curso de Medicina do Centro Universitário Vértice – Univértix.

<sup>2</sup> Acadêmicas do 6º período do Curso de Medicina do Centro Universitário Vértice – Univértix.

<sup>3</sup> Acadêmicas do 8º período do Curso de Medicina do Centro Universitário Vértice – Univértix.

<sup>4</sup> Graduado em Medicina pelo Centro Universitário Redentor e Professor do Curso de Medicina do Centro Universitário Vértice – Univértix.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a primeira aparição do autismo em manuais médicos de classificação ocorre no final dos anos 1980, sob o nome de Transtorno Autista. Anteriormente, o autismo era interpretado de forma psicodinâmica como uma variante de psicose que surgia na infância, sendo descrito na literatura através de estudos de casos clínicos, frequentemente conduzidos por psicanalistas. Portanto, nos manuais diagnósticos da década de 1950, o autismo era referido como Reação Esquizofrênica do Tipo Infantil, e não como uma categoria diagnóstica formalmente estabelecida com base em critérios descritivos (Schmidt, 2017).

O autismo é caracterizado como um distúrbio complexo do desenvolvimento, identificado pelo comportamento, com múltiplas causas e variados níveis de gravidade. Conforme Oliveira (2009), o termo “autos” significa “próprio” e “ismo” indica um estado ou orientação, representando uma pessoa voltada para si mesma, isolada. Dessa forma, o autismo é entendido como uma condição em que o indivíduo aparenta estar retraído em seu próprio mundo (Onzi e Gomes, 2015).

Vale ressaltar, que o termo "autismo" passou por várias mudanças ao longo do tempo e hoje é conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (Apa, 2014). As características do espectro incluem dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de comportamentos restritivos e repetitivos, como interesses e atividades específicas. Esses sintomas se manifestam desde a infância e afetam o funcionamento diário do indivíduo (Apa, 2014).

Dessa maneira, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um distúrbio do neurodesenvolvimento que geralmente se manifesta na primeira infância. Ele abrange dois principais domínios: dificuldades na comunicação e interação social, e comportamentos restritivos e repetitivos. A prevalência mundial é de aproximadamente 10 em cada 10.000 crianças, sendo mais comum em meninos do que em meninas, com uma proporção de cinco meninos para cada menina diagnosticada (Mapelli *et al.*, 2018). Nesse contexto, é imperativo estudar essa condição para possibilitar um diagnóstico precoce e um tratamento adequado, evitando complicações. O objetivo do estudo foi analisar as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio evidências científicas, disponíveis na

literatura até o momento, de modo a compreender, descrever as características desses estudos, além de avaliar os resultados e a relevância das pesquisas existentes sobre o tema.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

De acordo com o *Center for Disease Control and Prevention* (CDC), órgão do governo dos Estados Unidos, atualmente há um caso de autismo para cada 110 pessoas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a proporção seja de uma em cada 160 crianças, embora essa média possa variar entre diferentes estudos. Em 2014, o Brasil, com uma população de 200 milhões de habitantes, tinha cerca de 2 milhões de pessoas com autismo, o que corresponde a 1% da população. Só no Estado de São Paulo, havia mais de 300 mil casos. Em 2010, estimava-se que aproximadamente 500 mil brasileiros apresentavam autismo (Oliveira, 2019).

O significativo crescimento no número de casos de autismo tem sido analisado na literatura em função de diversos fatores: maior exposição a agentes causadores, ampliação dos critérios diagnósticos, e um aumento no número de profissionais capacitados para identificar os sintomas, realizar rastreamentos e diagnósticos (Bishop *et al.*, 2017). Apesar de ainda não haver respostas definitivas sobre essa questão, a importância social do tema é evidente, dado o crescente número de pessoas buscando garantir seus direitos, acessando serviços especializados e procurando inclusão em escolas regulares.

Devido à importância desta condição, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu, em 2008, o dia 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Esta data é crucial para o reconhecimento do autismo e para o apoio às iniciativas que visam melhorar a qualidade de vida e o desenvolvimento das pessoas com autismo (Viana *et al.*, 2020).

Além disso, o autismo passou por diversas caracterizações ao longo do tempo, sendo inicialmente visto como uma forma de psicose e depois como esquizofrenia infantil. Atualmente, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais oferece uma definição mais precisa e detalhada do autismo, classificando-o como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Dentro dessa classificação, é possível

identificar uma variedade de transtornos que afetam a interação social, a comunicação e o comportamento (Viana *et al.*, 2020).

### 3 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica. Conforme mencionado por Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada com base em material já existente, composto principalmente por livros e artigos científicos.

Para isto, utilizou-se de produções científicas que descreviam as características acerca do fenômeno investigado, ou seja, da epidemiologia, fisiopatologia, manifestações clínicas, fatores de risco e prevenção e tratamentos da TDAH.

Sendo assim, o estudo foi realizado a partir de artigos extraídos das bases de pesquisa utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCs), combinados pelo operador booleano “and”, publicados nos últimos 10 anos conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1: Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) utilizados para pesquisa nas bases de pesquisa

Base de pesquisa	Descritores
<i>Scientific Electronic Library Online (SciELO)</i> <i>Google Scholar (Google Acadêmico)</i>	“Transtorno do Espectro Autista (TEA)” “manifestações clínicas” “diagnóstico” “epidemiologia” “tratamento”

Fonte: Elaborado pelos autores

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados na língua portuguesa e inglesa; que estavam disponíveis na íntegra e gratuitamente; que adequaram ao tema deste trabalho; e publicados nos últimos dez anos. No que diz respeito aos critérios de exclusão foram: artigos indisponíveis gratuitamente e trabalhos que não se adequaram ao tema proposto.

Foram encontrados com base nos dados, 53 artigos correlacionados, sendo então selecionados 8 artigos para leitura completa. Foram lidas completamente as publicações científicas elegíveis e, em seguida, realizada uma análise detalhada. Os dados foram resumidos em textos, destacando os pontos convergentes e divergentes em relação ao tema da pesquisa.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características do autismo incluem dificuldades na comunicação e interação social, problemas para manter conversas normais (verbais ou não verbais) e demonstrar interesse social, emoção e afeto. Além disso, as pessoas com autismo podem enfrentar desafios ao estabelecer relacionamentos, interesses e atividades, tendem a insistir nas mesmas rotinas, apresentar movimentos estereotipados, aderir rigidamente a uma rotina (incluindo a neofobia alimentar no campo nutricional), e ter hiper ou hiporreação a estímulos sensoriais, o que pode resultar em seletividade alimentar (Monteiro *et al.*, 2020).

Ainda há muito a descobrir sobre a origem e o desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Evidências indicam que há uma combinação de diversos defeitos genéticos, influências ambientais e fatores biológicos envolvidos. Para entender melhor a fisiopatologia do autismo e melhorar os métodos de diagnóstico, vários estudos têm investigado mudanças na fisiologia e em diferentes biomarcadores em indivíduos com TEA. Essas pesquisas revelaram que pessoas com TEA frequentemente apresentam alterações biológicas, como aumento na circulação de citocinas inflamatórias, inflamações intestinais não específicas, e concentrações elevadas de aminoácidos e peptídeos derivados da alimentação no sangue, líquido cefalorraquidiano e urina. Isso tem gerado teorias sobre uma possível conexão entre autismo e dificuldades na metabolização de substâncias alimentares (Viana *et al.*, 2020; Monteiro *et al.*, 2020).

Não há um padrão definitivo para a manifestação do autismo, e os sinais e sintomas variam consideravelmente. Os sinais e sintomas mais frequentes incluem ausência de fala, dificuldades de atenção, crises de birra, interesses limitados e específicos, dificuldades em manter contato visual, isolamento social, necessidade de rotinas rígidas com resistência significativa a mudanças, repetição de palavras ou frases (fala ecológica), movimentos estereotipados, respostas incomuns ou fora de contexto em conversas. Por outro lado, indivíduos com autismo podem apresentar habilidades notáveis em áreas específicas e ser pensadores visuais altamente talentosos (Teles e Cruz, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é diagnosticado de maneira complexa e desafiadora, geralmente através de observação clínica do comportamento e investigação detalhada. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

(DSM) define três principais áreas de diagnóstico: dificuldades na interação social, uso inadequado ou déficits na comunicação verbal e não verbal, e padrões repetitivos e restritos de comportamento e interesses (Merlleti, 2018).

Existem poucos recursos instrumentais disponíveis para diagnosticar indivíduos com suspeita de autismo, e apesar dos numerosos estudos na área, não há marcadores biológicos que permitam um diagnóstico preciso e definitivo. Além disso, a maneira como o diagnóstico de autismo é comunicada aos pais é crucial. Este é um processo delicado que oferece aos profissionais uma oportunidade única de estabelecer uma aliança de confiança com os pais, facilitando a elaboração do diagnóstico de maneira tão clara e menos estressante quanto possível (Onzi e Gomes, 2015).

Uma vez que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não possui cura, o foco está na busca por tratamentos específicos que visam mitigar os déficits apresentados. No entanto, é importante reconhecer que alguns tratamentos podem ser mais eficazes para alguns indivíduos do que para outros, devido às variações no nível de desenvolvimento de cada pessoa com autismo. Atualmente, a psicoterapia comportamental é amplamente recomendada como parte do processo de tratamento, juntamente com estratégias de condicionamento que ajudam a cuidar do autista, promovendo uma melhor estrutura emocional e organizacional (Santos, 2008).

A psicoterapia visa ajudar na interpretação da linguagem corporal, na comunicação não verbal, no aprendizado, bem como nas emoções e interações sociais. A terapia cognitivo-comportamental (TCC) é eficaz no ensino de indivíduos com autismo a utilizar, lembrar e processar informações de diversas maneiras, incluindo o treinamento de autoinstrução (Onzi e Gomes, 2015). Outra abordagem de tratamento para pessoas com TEA é a musicoterapia, uma técnica terapêutica que utiliza música para destacar habilidades por meio de métodos e técnicas que complementam outras capacidades, incluindo cognitivas (Paredes, 2012).

As intervenções farmacológicas no autismo representam um desafio devido à sua diversidade tanto na causa quanto na manifestação clínica. Atualmente, há esforços significativos para reunir evidências científicas sobre a eficácia, segurança, efetividade e custo-efetividade de diversos medicamentos comumente utilizados (inclusive aqueles usados fora das indicações aprovadas) no tratamento do

Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o objetivo de integrá-los nos registros e protocolos clínicos. No entanto, ainda não há um tratamento universalmente eficaz e as opções terapêuticas continuam sendo limitadas. Nos Estados Unidos, apenas a risperidona e o aripiprazol são aprovados pela Food and Drug Administration (FDA) para uso em TEA. No Brasil, apenas a risperidona e a periciazina têm aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para o controle dos sintomas associados ao TEA (Barros Neto; Brunoni e Cysneiros, 2019).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo proporcionou uma análise abrangente das características e impactos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando sua evolução histórica, diagnóstico prevalência, tratamentos e desafios associados. Inicialmente concebido como uma variante de psicose infantil, o autismo atravessou várias denominações até ser formalmente reconhecido como TEA pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Este reconhecimento é crucial para a compreensão do TEA como um distúrbio complexo do desenvolvimento, caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de comportamentos repetitivos e restritos.

A prevalência crescente do TEA tem despertado interesse crescente na comunidade científica, atribuído a fatores como mudanças nos critérios diagnósticos, maior conscientização e identificação por profissionais capacitados. Esse aumento na incidência reflete a necessidade urgente de pesquisa contínua para melhorar o diagnóstico precoce e a implementação de intervenções eficazes.

A data estabelecida pela ONU, 2 de abril, como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, destaca a importância da sensibilização pública e do suporte às iniciativas que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA. Além disso, avanços na compreensão da fisiopatologia do autismo têm revelado complexidades biológicas envolvendo desde alterações na microbiota intestinal até marcadores inflamatórios, contribuindo para estratégias terapêuticas mais direcionadas.

Os desafios enfrentados no diagnóstico incluem a falta de marcadores biológicos específicos, tornando a observação clínica comportamental ainda o método predominante. A comunicação do diagnóstico aos pais representa um momento crucial, exigindo sensibilidade e colaboração para garantir um entendimento claro e suporte adequado.

No que diz respeito ao tratamento, a abordagem multifacetada é recomendada, incluindo psicoterapia comportamental, terapia cognitivo-comportamental e musicoterapia, todas visando melhorar a comunicação, as interações sociais e a adaptação às rotinas. Apesar dos avanços, as intervenções farmacológicas permanecem limitadas, destacando a necessidade contínua de pesquisa para desenvolver opções terapêuticas mais eficazes e seguras. Portanto, este estudo reforça a importância de uma abordagem holística e integrativa no manejo do TEA, envolvendo pesquisa contínua, educação pública e apoio multidisciplinar para promover o bem-estar e a inclusão de indivíduos com TEA em todas as esferas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS NETO, S. G.; BRUNONI, D.; CYSNEIROS, R. M. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 19, n. 2, 2019.

BISHOP, S. L. *et al.* The autism symptom interview, school-age: a brief telephone interview to identify autism spectrum disorders in 5-to-12-year-old children. **Autism Res.**, v.10, p: 78-88, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MAPELLI, L. D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, p. e20180116, 2018.

MERLLETI, C. Autismo em causa: histórico diagnóstico dos pais, prática clínica e narrativas. **Psicologia USP**. v.29. n.1. p.146-151. 2018.

MONTEIRO, M. A. *et al.* Transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre intervenções nutricionais. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, p. e2018262, 2020.

OLIVEIRA, A. M. B. C. **Perturbação do espectro de autismo: a comunicação**. Porto: ed. Porto, 2009.

OLIVEIRA, C.; HUBNER, M. M. C.; BUENO, M. R. S. P. Um retrato do autismo no Brasil. **Revista Espaço Aberto USP**. (S.l:s:n). 2019.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

PAREDES, S. **O papel da musicoterapia no desenvolvimento cognitivo nas crianças com perturbação do espectro do autismo**. Lisboa: ESEAG, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação); Escola Superior de Educação Almeida Garrett, 2012.

SANTOS, A. M. T. Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar. **Centro de Referências em Distúrbios de Aprendizagem**. São Paulo: CRDA, 2008.

SCHMIDT, C. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017.

TELES, P. S.; CRUZ, C. L. P. A prática esportiva como instrumento de inclusão: um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). In: **8º Encontro Internacional de Formação de Professores**. v.11. n.1. p.1-11. 2018.

VIANA, A. C. V. et al. Autismo: uma revisão integrativa. **Saúde Dinâmica**, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.